



arte: Julia Trindade



arte: Nuno Lei

OS AVANÇOS DA AVALIAÇÃO NO SÉCULO XXI

Ph.D. Thereza Penna Firme¹

**Fundação Cesgranrio
Centro de Avaliação
therezapf@uol.com.br**

Apresentação

O conceito de avaliação evoluiu aceleradamente nas duas últimas décadas e a prática da avaliação não tem acompanhado esse avanço, o que tem gerado distorções de métodos e resultados. Nesse sentido, a capacitação do educador no que se refere aos padrões da verdadeira avaliação em termos de utilidade, viabilidade, ética e precisão é crucial e urgente para que a avaliação cumpra o seu propósito de promover a transformação.

Avaliar pode ser um empreendimento de sucesso, mas também de fracasso; pode conduzir a resultados significativos ou a respostas sem sentido; pode defender ou ameaçar. Ou avançamos na mudança de século, ou tropeçamos. A decisão clama pelo desafio porque as aceleradas inovações teórico-metodológicas na avaliação, como disciplina, estão em descompasso com a prática educacional que, lamentavelmente, salvo algumas exceções, se perde na contramão da trajetória ascensional das grandes tendências que os estudiosos apontam nesses 100 anos de história da avaliação, desde a simples mensuração à negociação de juízos de valor, critérios, procedimentos e resultados. Autores como Guba e Lincoln, Patton, Stufflebeam, Fetterman, Cronbach, Worthen, Sanders e Fitzpatrick, sustentam esses avanços.

Dessa desafiadora concepção da avaliação resulta, como imprescindível, a capacitação de educadores, líderes, dirigentes e profissionais, nos vários âmbitos

¹ Carioca, educadora e psicóloga, com especial formação acadêmica no campo da avaliação. Formou-se em Psicologia Clínica (PUC/RIO), Mestre em Psicologia Educacional pela Universidade de Wisconsin, USA, Mestre em Educação pela Universidade de Stanford, Califórnia, USA e Doutora (Ph.D) em Educação e Psicologia da criança e do adolescente pela Universidade de Stanford, Califórnia. Exerceu o magistério no Ensino Fundamental, Médio e Superior (Graduação e Pós-Graduação), bem como funções de Direção e Coordenação na PUC/RIO, UFRGS e UFRJ, atuando como professora, pesquisadora e orientadora de Dissertações e Teses. Tem experiência Nacional (área pública e privada) e Internacional (USAID, OEA, BID, BANCO MUNDIAL, UNICEF, PAHO, UNESCO) como Conferencista, Consultora e Avaliadora. É atualmente Coordenadora do Centro de Avaliação na Fundação CESGRANRIO, membro da American Evaluation Association e da Associação Brasileira de Monitoramento e Avaliação.



disciplinares, para a melhor utilização da avaliação. Mais especificamente, a formação do avaliador é um desafio consequente para a avaliação do novo século. É, pois, na medida em que avaliados e avaliadores dialoguem, instituições e sistemas se sintonizem e inteligências múltiplas se complementem que a avaliação irá emergindo com as suas características mais notáveis de propulsora das necessárias transformações educacionais, sociais e culturais e advogada na defesa dos direitos humanos.

Assim, o grande desafio nesta era contemporânea da informação não é a capacidade de produzir, armazenar ou transmitir informações, mas sim reconhecer o que é importante saber e, de fato, utilizar essa informação. Nessa perspectiva, a questão crucial é descobrir o que é preciso fazer para criar e desenvolver avaliações que sejam realmente utilizadas para reduzir incertezas, melhorar a efetividade e tomar decisões relevantes. Por isso mesmo, a grande meta da avaliação é a ação. Seu significado maior está em fortalecer o movimento que leva à transformação, nele intervindo sempre que necessário. A preocupação dos estudiosos da área em definir padrões de excelência para a avaliação gerou um substancial conjunto de critérios agrupados em quatro categorias, encabeçadas pela dimensão **utilidade**, o que significa que uma avaliação não deverá jamais ser realizada se não o for para ser útil. Segue-se a dimensão **viabilidade**, segundo a qual ela terá que, além de útil, ser conduzida considerando aspectos políticos, práticos e de custo-efetividade. Em sintonia com tais características, e não menos importante, é a **ética** com que deve ser realizada, no respeito aos valores dos interessados, incluindo grupos e culturas. E, finalmente, se for possível desencadear uma avaliação útil, viável e ética, então será importante considerar a característica **precisão**, no que tange às dimensões técnicas do processo. Mais recentemente, um novo critério ou *standard* emergiu e se refere à **accountability**, traduzido como **prestação de contas** e se refere à responsabilidade demonstrada no uso de recursos, atividades ou decisões, na realização da avaliação. Tais critérios de excelência clamam, portanto, por avaliações sensíveis à responsabilidade situacional, metodologicamente flexíveis, dinâmicas no entendimento político e substancialmente criativas para integrarem todas essas dimensões na direção do desenvolvimento e do aperfeiçoamento de seu objeto seja ele um projeto, um programa, uma instituição, um sistema ou indivíduos. Cada avaliação deve, pois, revestir-se de características próprias em sintonia com o contexto social, político, cultural e educacional onde se realiza e de forma tal que o avaliador é essencialmente um historiador, que descreve, registra e interpreta a história singular de cada cenário.

Nessa concepção, que representa um enfoque mais amplo e amadurecido de avaliação, característico da década que vivemos, são levados em consideração os valores, as preocupações e as percepções dos interessados em relação ao objeto da avaliação. É com essa abordagem que a avaliação atinge um clímax de responsabilidade e de participação como facilitadora de um processo de fortalecimento do seu objeto de atenção. Nesse sentido, ela intervém para reforçar potencialidades e sucessos, em vez de meramente registrar dificuldades e fracassos. No concerto dos vários atores e harmonizando a intersubjetividade na formulação dos juízos de valor, o processo avaliativo terá que adentrar o **mérito** de seu objeto enquanto valor interno, implícito e independente de quaisquer aplicações;



e mais amplamente descobrir sua **relevância**, enquanto é útil nos seus resultados, repercussões e impactos. É também necessário levar em consideração a **importância** do processo em questão. A avaliação no significado mais amplo é, pois, um desafio e, para alcançá-lo, a criatividade e a sensibilidade, a objetividade e a subjetividade estão presentes e atuantes, sempre que necessário, para responder com propriedade às indagações e facilitar a ação de aperfeiçoamento.

Lamentavelmente, porém, a boa intenção de projetos e programas educacionais, sociais e culturais não bastam para sustentar seu desenvolvimento e mais crítico ainda, seus resultados mais relevantes. O campo é desafiador e clama por múltiplas inteligências, profunda sensibilidade e articulada comunicação entre os envolvidos nas complexas dimensões e implicações, que são a marca mais contundente dos problemas sociais que agredem todos os níveis e espaços de uma sociedade. E a nossa não está isenta.

Os estudiosos mais atualizados da avaliação têm sido pródigos e criativos na diversidade de concepções teóricas e metodológicas e na busca de abordagens mais capazes de análise, compreensão e intervenção, para o efetivo desencadeamento de impactos. Nessa gama de abordagens e modos de ver, a avaliação vai adquirindo diferentes enfoques sem, contudo, mostrar conflitos ou divergências substanciais.

Especificamente com relação à **avaliação de programas e projetos sócio educacionais**, vale destacar pelo menos, entre outras concepções recentemente discutidas nesse começo de milênio, o enfoque da **transdisciplinaridade** (Scriven) que defende a presença da avaliação não somente como disciplina isolada, mas sim como aquela que atravessa áreas de conhecimento para as quais ela oferece significativa contribuição. Outro enfoque digno de atenção nesse panorama é a compreensão da avaliação como **“empowerment”** (Fetterman), no sentido de considerá-la como facilitadora da autoavaliação, ou seja, o fortalecimento da autodeterminação no aperfeiçoamento de indivíduos e programas.

Numa visão sintonizada com a questão social vale ainda destacar a percepção de avaliação como **inclusiva** (Mertens) na qual o envolvimento no processo avaliativo de grupos discriminados em termos de gênero, etnia, cultura ou nível socioeconômico, entre outros, seja o fator por excelência na garantia da autenticidade da avaliação. Sem esgotar a menção de outras importantes concepções de avaliação no contexto de programas e projetos dessa natureza, a abordagem naturalística, sem perder a conjugação com métodos convencionais, parte das preocupações e dos temas de conflito de todos os envolvidos no objeto-alvo da avaliação, para a construção do próprio processo avaliativo.

Considerações Finais

Em síntese, porém, um fator sumamente crucial e que está presente neste momento atual de avanços na avaliação é o respeito à participação efetiva de todos os interessados no processo ou *stakeholders* e que independente de sua condição social, econômica acadêmica ou outras, são elementos cruciais que devem atuar no processo, desde sua concepção até seus resultados. Somente assim, a avaliação



será útil nas necessárias transformações que os programas e projetos sociais, educacionais e culturais pretendem alcançar.

Referências Bibliográficas

- Guba, Egon G.; Lincoln, Yvonna S. (1989). **Fourth Generation Evaluation**. Newbury Park: Sage Publications.
- Patton, Michael Q. (1997) **Utilization Focused Evaluation – The New Century Text**. Thousand Oaks: SAGE Publications
- Stufflebeam, Daniel L.; Madaus, George F; Kellaghan, Thomas (2000). **Evaluation Models**. Boston: Kluwer Academic Publishers.
- Fetterman, David (2001). **Foundations of Empowerment Evaluation**. Thousand Oaks, Sage Publications
- Cronbach, Lee (1982). **Designing Evaluations of Educational and Social Programs**. San Francisco, California: Jossey-Bass.
- Worthen, Blaine R.; Sanders, James R; Fitzpatrick, Jody L. (1997). **Program Evaluation: Alternative Approaches and Practical Guidelines**. New York: Longman,. 2nd Edition.
- Gardner, Howard (1995) **Multiple Intelligences: The theory in practice**. New York: Basic Books
- Patton, Michael Quinn (1997). **Utilization-Focused Evaluation**. Thousand Oaks: Sage Publications, (3rd Edition)
- The Joint Committee on Standards for Educational Evaluation (1994/2011). **The Program Evaluation Standards**. Thousand Oaks: Sage Publications (2nd/3rd.Editions.)
- Cronbach , Lee et al (1980). **Toward Reform of Program Evaluation**. San Francisco: Jossey-Bass.
- Scriven, Michael (1991) **Evaluation Thesaurus** (Fourth Edition). Newbury Park, CA:SAGE Publications
- Fetterman, David (2001). **Foundations of Empowerment Evaluation**. Thousand Oaks, Sage Publications
- Mertens, D.M. (2203, **The inclusive View of Evaluation: Visions for the New Millennium**, In Donaldsom, S.I, e Scriven, M. Evaluating Social Programs and Problems. Visions for the New Millennium, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.